



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROJETO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID

**RELATÓRIO DA OFICINA “OS SONS DOS PIMENTAS”
REALIZADA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Professor Orientador: Prof. Dr. Henrique Zoqui Martins Parra

Bolsistas: Aline Franco, Danielle Regina, Fernanda Sales,
Guilherme Stoner, Julia Figueiredo e Mariana Nunes.

Professores Supervisores: Marlene Rodrigues e Guilherme Stoner

Fernanda Sales Diogo
Julia Murta Figueiredo Araújo

GUARULHOS

2013

RELATÓRIO DA OFICINA “Os Sons dos Pimentas”

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES, é um aporte fundamental para alunos de licenciatura de todo o Brasil, uma vez que possibilita um contato efetivo dos graduandos com as escolas públicas, e amplia as condições de articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Por meio desta iniciativa, nós alunos do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) durante um ano de trabalho, tivemos a oportunidade de desenvolver um projeto na E.E. Professora Maria Aparecida Rodrigues, localizada no bairro dos Pimentas, Guarulhos, região Metropolitana de São Paulo.

Desde o início do projeto, nossa equipe tinha a pretensão de transpor a barreira entre a UNIFESP e a comunidade escolar que nos acolheu com a visão de que é possível desenvolver um ensino baseado em conhecimento "de ponta" também na educação básica e não apenas dentro da universidade. Pensamos, portanto, em experiências e metodologias de educação em que os estudantes também produziram novos conhecimentos.

Durante um semestre tivemos uma preparação prévia em nossas reuniões semanais que eram ministradas pelo professor coordenador do PIBID, bem como pelo professor supervisor que era docente na própria escola Maria Aparecida. Além de entrarmos em contato com a bibliografia básica acerca de temas relacionados à educação, participamos de algumas oficinas voltadas à tecnologia, tais como: feitura de mapas digitais, familiarização com redes sociais alternativas, criação de blogs, entre outros.

Esse contato com o mundo tecnológico foi um suporte fundamental nas projeções de nossas ideias, já que ficou acordado que, ao final do projeto, os alunos deveriam criar algo utilizando aqueles recursos tecnológicos (áudio, vídeo, fotografia). Tendo em vista que os alunos, minimamente já têm contato com diversas mídias digitais, seja com celular, internet ou câmeras, foi intenção do projeto, portanto, aproveitar esse potencial, levando em consideração a criatividade dos alunos.

No primeiro semestre, além dos encontros de formação, inserimo-nos na escola com o intuito de conhecer não só os alunos, mas também toda a comunidade escolar, bem como seu entorno. Através de nosso olhar sociológico, participávamos das aulas e também conversávamos com alunos e professores para vivenciar as experiências escolares na prática.

Para realização do projeto, nossa equipe se dividiu em três duplas e cada uma trabalhou em séries distintas no Ensino Médio. É importante ressaltar que os projetos desenvolvidos dialogaram com o Conteúdo Curricular do Estado de São Paulo elaborado para cada série. As séries contempladas no projeto foram os segundos e terceiros anos. O critério principal de escolha das séries se deu em virtude do conteúdo definido no Currículo. Assim a oficina “Os Sons dos Pimentas” foi realizada no segundo ano por tratar a temática da identidade e da cultura. Conforme conteúdo programático a seguir:

- Construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a “visão de mundo” e o “horizonte de expectativas” nas relações interpessoais com os vários grupos sociais.
- Construir uma visão mais crítica da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, avaliando o papel ideológico do “marketing”, como estratégia de persuasão do consumidor e do próprio eleitor.
- Compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais de etnias e segmentos sociais, agindo de modo a preservar o direito à diversidade, enquanto princípio estético, político e ético que supera conflitos e tensões do mundo atual.

Diante do exposto, as experiências vividas no 2º ano E, do Ensino Médio Noturno, serão aqui compartilhadas com o intuito de não apenas servir de exemplo, mas principalmente para partilhar as percepções e subjetividades que nascerem a partir deste projeto. De certa maneira, pensamos que o ofício docente, sobretudo no caso da Sociologia, tem uma posição privilegiada ao tentar propiciar nos alunos uma reflexão mais aguçada no que se refere ao próprio lugar deles diante dos processos sociais.

Diante do exposto, o projeto elaborado no 2º ano E, teve como proposta discutir a temática do gosto musical dos alunos, e culminou na elaboração de um Podcast “Os sons do Pimentas” que trouxe como roteiro a espacialização da música do bairro. A seguir, o projeto será exposto com mais detalhamento.

2. APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Uma das mais instigantes tarefas do ensino de Sociologia no Ensino Médio é fazer com que os alunos associem os conhecimentos teóricos e metodológicos às suas práticas cotidianas. Com esse pressuposto em mente, tratamos da temática da cultura com os estudantes do 2º ano E.

Como a cultura é um termo demasiado amplo, a música foi o segmento escolhido para desenvolvermos nosso trabalho, mais especificamente discutir o gosto musical dos alunos. A oficina teve como objetivo produzir um programa de rádio no qual os alunos fariam um mapeamento dos sons que ouvem em seu bairro.

A ferramenta utilizada para realizar a oficina foi o Podcast, que é um arquivo de áudio transmitido via internet. No programa “Os sons dos Pimentas”, os alunos fizeram um mapeamento dos sons do bairro e fizeram uma espécie de roteiro que teve a finalidade de mostrar os ambientes musicais que há no bairro, além de conversarem sobre suas impressões acerca do tema, como seus próprios gostos e também sobre o que falta no bairro em termos de ambientes culturais.

Neste contexto, ao tratar de um tema que apresente elementos estéticos com a música, avaliada a partir do conhecimento sobre Indústria Cultural, tivemos o intuito de incitar os alunos a refletirem sobre seus próprios hábitos, proporcionando a eles uma visão mais crítica e emancipatória no que se refere aos ditames da cultura de massa).

O nosso objetivo principal foi incitar a reflexão dos alunos acerca da presença da indústria cultural na vida cotidiana, de modo que eles conseguissem compreender como se dá a dinâmica do sistema capitalista na produção de bens de consumo relacionada à produção cultural (cinema, música, teatro, imprensa etc) que tanto influencia os gostos e sugere comportamentos. Pensamos em outros objetivos para que a realização da oficina fosse respaldada por um referencial teórico adequado ao tema; assim, objetivamos:

- Apresentar o conceito de indústria cultural;
- Fazer com que os alunos analisem o tema de forma crítica e embasada em conceitos sociológicos;
- Diferenciar o conceito de cultura popular e cultura erudita;
- Refletir a respeito da produção em massa;
- Discutir o papel da cultura popular face à massificação. Ex. a diferença de uma obra popular de samba, forró ou sertanejo e comparar com as produções atuais de pagode, forró e sertanejo universitário;
- Fazer com que os alunos reflitam sobre suas próprias práticas e visualizem a influência da indústria cultural.

2.1. Para tanto, abordamos os seguintes referenciais teóricos durante as aulas:

- Conceito de indústria cultural desenvolvido por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, em “A dialética do esclarecimento”;
- Conceitos de cultura popular e cultura erudita embasados pela obra “A Distinção” de Pierre Bourdieu;
- Texto: “O que é indústria cultural” de Teixeira Coelho.

3. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa deu-se do seguinte modo: aulas participativas, nas quais os alunos são convidados a participarem ativamente da dinâmica das aulas, expressando suas opiniões e ajudando o professor na própria composição da didática; aulas teóricas e gravação do podcast. Construimos uma didática que se adequasse a um curto espaço de tempo, tendo em vista que a aula do 2º ano de Ensino Médio Noturno dura apenas 45 minutos. No próximo item, os procedimentos das aulas serão expostos. Essa metodologia poderá servir de base para professores de sociologia que queiram trabalhar com os temas que permeiam a sociologia do gosto.

3.1. Preparativos da oficina

Numa aula anterior, na qual estávamos apenas como ouvintes, pedimos permissão para a professora de Sociologia para solicitarmos aos alunos que trouxessem na aula seguinte 05 (cinco) músicas que eles costumam ouvir. Eles perguntaram em qual formato nós queríamos, pois eles já tinham tudo no celular.

1ª aula

A primeira aula passou muito rapidamente, haja vista o tempo curto (45 minutos) e também pelo fato dos alunos terem participado com bastante entusiasmo.

No primeiro instante, explicamos novamente a intenção do projeto e fizemos algumas considerações a respeito da temática da Indústria Cultural. Eles prestaram atenção e aparentemente gostaram da proposta, já que falar sobre música incita a reflexão sobre as nossas próprias práticas.

Utilizamos esta primeira aula para fazer um mapeamento acerca do gosto musical deles, bem como tomar conhecimento sobre ambientes relacionados com a música no bairro

(baladas, bares, festas). Em vez de pedirmos os nomes das músicas, utilizamos a lousa para separarmos os diferentes estilos musicais e os artistas favoritos.

Os alunos ficaram um pouco tímidos no começo, mas quando os primeiros vieram à lousa ditar as bandas, a maioria criou coragem. Com isso, a lousa ficou repleta de nomes de bandas. A maior parte deles declarou apreciar rock, porém muitos estilos foram discriminados, tais como: reage, funk, gospel, sertanejo, eletrônico e rap e MPB.

Curiosamente, quando questionados acerca dos lugares que frequentam, a maior parte conhecia apenas lugares que tocam funk e sertanejo, pois no bairro, quase não há ambientes que contemplam o rock, apesar do estilo musical mais citado ter sido esse.

O primeiro contato com a turma do 2ºE foi muito proveitoso, eles ficaram entusiasmados com o tema e já estavam se questionando sobre quem será o locutor do programa de rádio. Chegamos com receio de que eles não participariam da aula, mas aos poucos esta impressão acabou e a aula fluiu satisfatoriamente. O material recebido foi sistematizado¹ em forma de gráficos e tabelas para darmos uma devolutiva aos alunos na aula seguinte.

2ª aula

Na segunda aula, realizamos uma aula teórica com o tema “Indústria Cultural”, uma vez que ao iniciarmos a discussão acerca do gosto musical dos alunos, pensamos o quanto era pertinente explicar a eles as influências da indústria fonográfica na formação do gosto, bem como fazê-los avaliar o quanto as bandas e cantores que eles apreciam, fazem parte desse mecanismo capitalista. Para tanto, utilizamos os conceitos de Indústria Cultural² e Cultura de Massa³ formulados por Adorno e Horkheimer.

¹O material sistematizado está contido nos anexos deste relatório.

²A expressão “Indústria Cultural” foi utilizada pela primeira vez pelos teóricos da escola de Frankfurt – Adorno e Horkheimer. Está relacionada ao desenvolvimento da sociedade capitalista, na qual todos os bens, inclusive os culturais, como as reproduções das obras de arte, tendem a ser transformados em mercadorias para o consumo do maior número possível de compradores.

³A cultura de massa é a cultura produzida para a população como um todo, mais especificamente aquilo que é produzido para um grande número de pessoas. Não havendo preocupação com a qualidade do que é produzido e consumido em termos de arte, por exemplo. O primeiro indício de transmissão massiva de informações e de entretenimento foi a imprensa, depois disso, vieram o rádio, a televisão, e agora, a internet.



Abordamos também dois conceitos fundamentais nessa discussão: Arte Popular⁴ e Arte Erudita⁵, formulados por Pierre Bourdieu; a partir disso, a música foi utilizada como exemplo da expressão de cada segmento social e da cultura de massa. Ressaltamos que a música, ao contrário do cinema e do teatro, é muito mais acessível. O interesse pela música é construído pelo rádio e depois pela televisão. Há também produções culturais vinculadas aos espetáculos ao vivo. Houve o nascimento do grande business da produção cultural promovido pelos meios de comunicação de massa. Explicamos que os gostos são socialmente construídos e que os tipos de arte traduzem também a dinâmica social no que se refere aos conflitos de classe, uma vez que ao conceituar um tipo de arte, intrinsecamente, as diferenças sociais estão inseridas.

Os alunos prestaram bastante atenção e responderam aos nossos questionamentos à

⁴A arte popular é aquela com a qual seu público se identifica, diverte-se, vê-se representado, ou seja, ela se baseia na “continuidade da arte e da vida, que implica a subordinação da forma à função, ou, se preferirmos, na recusa da recusa que se encontra na própria origem da estética erudita, ou seja, o corte radical entre as disposições comuns e a disposição propriamente estética”. (Bourdieu, 2011a, p. 35).

⁵A arte erudita é analisada pelas formas e contornos, em detrimento de uma visão funcional. A arte legítima foi assim consagrada, ao longo do século XIX, pelo olhar daqueles que a veem como algo além da função que ela possa ter.

medida em que a aula se desenvolveu. Alguns fizeram perguntas, sobretudo quando demos alguns exemplos musicais. Quiseram saber, por exemplo, porque tal música era da indústria e outra não. Mostramos os gráficos que sintetizaram os gostos dos alunos e apontamos que quase todas as bandas/cantores faziam parte desta Indústria Cultural. Utilizamos um recurso audiovisual para passarmos um mini documentário intitulado “Indústria Cultural” (referências no final? quanto tempo?) com o intuito de que os conceitos fossem melhor fixados.

Algumas músicas que estão fora do circuito foram tocadas com o intuito de mostrar aos alunos, na prática, a diferença de uma música produzida sem a influência da Indústria (qual foi o exemplo utilizado?) Os alunos gostaram e comentaram que são um pouco críticos com relação a essa influência na formação do gosto deles. Gostaram das músicas alternativas.

3ª aula

Nesta aula, propomos uma conversa acerca dos ambientes musicais do bairro, pois na primeira aula já havíamos conversado a respeito, mas ainda não tínhamos sistematizado os dados. Depois das informações dos alunos, procuramos no Google a localização dos lugares citados por eles para posteriormente colocarmos no mapa.

O professor titular da classe fez uma breve explicação em que trouxe à tona (a seu modo) o que já havíamos trabalhado com eles reforçando o conteúdo. Conseguimos dessa maneira, com o apoio do professor e dos alunos mapear alguns endereços onde postos de gasolina, bares e praças integraram o mapa. (parágrafo confuso)

Os mapas, gráficos e tabelas nos quais foram sistematizados todos os dados, foram trabalhados nesta aula. (onde estão os mapas? Melhor coloca-los aqui).

4ª aula

Foi o primeiro dia de gravação do Podcast⁶. Fomos à escola com a finalidade de gravar “Os sons do Pimentas”. Levamos os equipamentos (microfone, fones de ouvido e notebook com o programa Audacity instalado) além de um roteiro pré-elaborado com a temática do mapeamento dos sons do bairro. A gravação do Podcast demanda um local licenciado, assim, fomos à biblioteca com os alunos.

Os estudantes fizeram uma breve apresentação com entonação típica de programa de rádio: “Bom dia, boa tarde, boa noite, no ar “Os sons dos Pimentas”. Gravamos uma longa

⁶O roteiro do Podcast encontra-se nos anexos.

conversa acerca dos gostos musicais deles, permeando toda a discussão das últimas aulas a respeito das músicas que circulam no bairro.

Eles participaram muito e ficaram entusiasmados com o fato de gravarem a própria voz. A aluna Adriane disse que achou muito interessante ser locutora e que talvez fará um curso na área da comunicação. O aluno Pedro foi mais crítico e deu sua opinião sobre a falta de ambientes culturais no bairro. Já o Israel, além de falar sobre seu gosto musical (ele defendeu o gosto por funk, face aos adeptos do rock, pois segundo ele, os funkeiros são alvo de muitas sátiras gratuitas, principalmente por parte de quem gosta de rock). Ele improvisou uns raps (redação estranha) antes, durante e depois da gravação, foi muito criativo e participativo.

Tivemos alguns problemas técnicos, pois o microfone estava com muitos ruídos. Por isso, foi preciso mais um outro encontro com a turma para regravar as falas dos alunos para então publicarmos na plataforma online.



5ª aula

O Podcast foi gravado novamente, porém devido ao curto espaço de tempo foi feito um pré-roteiro, uma vez que na primeira gravação, a entrevista com os alunos ocorreu de modo improvisado; o que foi bastante proveitoso, já que pudemos verificar de que fato, eles haviam absorvidos alguns conceitos, e também já faziam suas próprias reflexões acerca da espacialização dos sons do bairro.

A gravação desta vez durou duas aulas (90 minutos), e conseguimos negociar com o outro professor esse tempo extra. Os alunos já estavam familiarizados com os equipamentos e a gravação foi excelente. A edição das músicas foi feita posteriormente, embora as músicas tenham sido escolhidas pelos próprios alunos.

Os estudantes nos surpreenderam ao dizer que após as discussões em sala de aula, a sala ficou mais unida porque começaram a dialogar mais sobre a escola, o sons e o entorno. Concluimos com isso que as aulas de sociologia ajudam os agentes envolvidos a ultrapassar barreiras tênues de conflitos e timidez, pois um novo espaço para o diálogo certamente propiciou e propiciará a possibilidade de produção de conhecimento a esses estudantes e a nós pibidianos e futuros professores, tendo em vista a rede de relações que se projetou.



Informações técnicas

É importante destacar os materiais que foram utilizados durante as oficinas: Notebook; Microfone; Fones de ouvido, Celulares, Pen drives;

Além do podcast, elaboramos um mapeamento online do bairro no qual todos os ambientes musicais tratados no trabalho foram inseridos. O recurso utilizado foi o crowdmap e o mapa pode ser visitado através do endereço: <https://pimentalab.crowdmap.com/>

4. FORMA DE AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE:

Os alunos foram convidados a expressar suas impressões sobre o trabalho realizado (oralmente, escrita, de que forma avaliaram?). Foi interessante fazer uma sondagem acerca do real entendimento do tema, de modo que pretendíamos verificar se as competências sociológicas foram de fato absorvidas.

Salientamos que malgrado (por que malgrado?) a transmissão dos conceitos acadêmicos que faz parte do ofício docente, não podemos deixar de considerar o conhecimento dos próprios alunos, uma vez que a cultura, termo demasiado abrangente,

constitui-se a partir das experiências e comportamentos coletivos. Assim, a vivência dos estudantes também deve ser ponderada para que o processo ensino/aprendizagem não seja dado de forma vertical, pois acreditamos que o conhecimento pode ser construído coletivamente.

Dessa forma, enfatizamos que não concordamos com a ideia de que existe hierarquia entre as culturas e nosso papel como futuros professores também perpassa essa tentativa de fazer com que todas elas sejam conhecidas e respeitadas.

5. CONCLUSÃO

A escola é um microrretrato da sociedade, haja vista todas as esferas sociais, burocráticas, hierárquicas, afetivas que a perpassam. Neste sentido, compreender a dinâmica escolar é, de certo modo, caminho para entender os processos sociais nos quais todos os agentes estão inseridos. Sob esta perspectiva, a Sociologia é uma disciplina privilegiada porque seu material de estudo é constituído a partir das próprias experiências humanas. Portanto, desenvolver no aluno a capacidade de refletir acerca de sua própria participação no mundo é, de fato, instigante.

O professor, neste processo, é um elemento fundamental no que diz respeito às influências que ainda exerce. Pensamos que as experiências vividas dentro de uma sala de aula são de fundamental importância para abrir alguns caminhos que não foram ainda trilhados pelos educandos. Em contrapartida, este trabalho nos fez perceber que no âmbito educacional, não deveria haver rígidas hierarquias entre os agentes envolvidos, já que os alunos têm muito a contribuir para a construção do conhecimento em sala.

Esta oficina nos ensinou a pensar novos modos de trabalhar em sala de aula, haja visto que uma de nossas ferramentas foi o uso dos próprios celulares dos alunos (atitude impensável face ao total impedimento do uso deste tipo de equipamento dentro das escolas).

Aprendemos que no mundo atual, não há como ignorar a presença da tecnologia, nem tampouco ignorar a necessidade de nos familiarizarmos com as novas maneiras de sociabilidade promovidas por tais meios (internet, celular).

A vivência numa sala de aula, as histórias compartilhadas, o reconhecimento dia-a-dia de cada aluno propicia um crescimento pessoal e profissional inimaginável para quem não tem nenhum contato com a realidade escolar. Essa relação professor/aluno transpassa a

barreira da obrigação, da tecnicidade e cria relações que nos permitem um maior entendimento do fenômeno mais complexo da sociedade, o fenômeno humano.

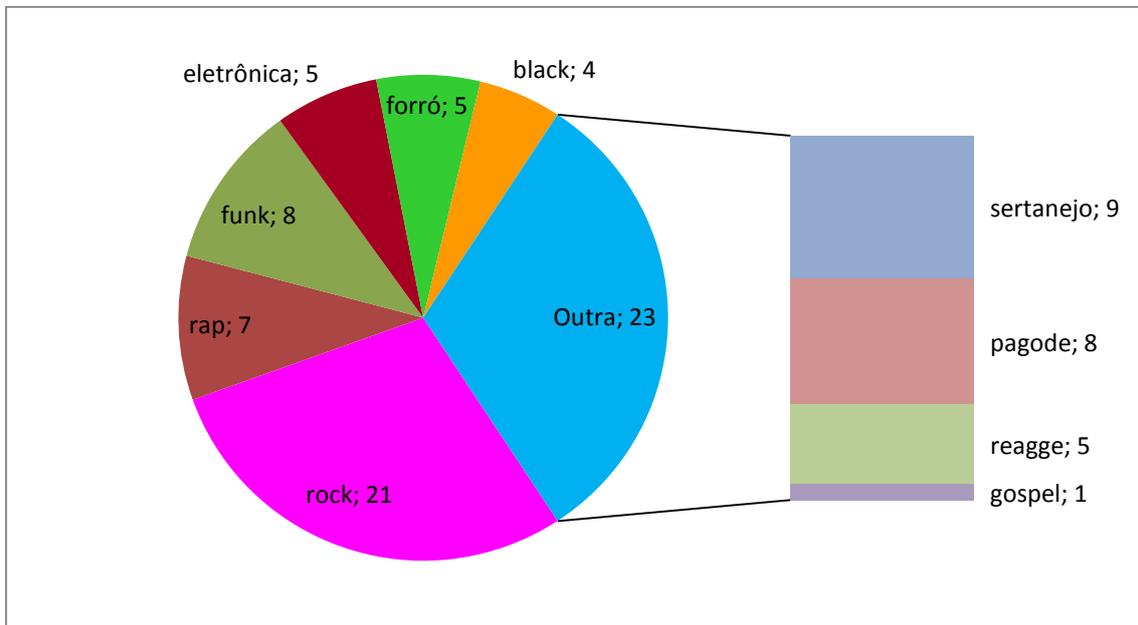
Assim, com o projeto “*Os sons dos Pimentas*”, os alunos do 2º ano E, da E.E. Prof. Maria Aparecida Rodrigues puderam discutir sobre seus gostos musicais, mapear a paisagem sonora do bairro, abordar a temática da identidade, bem como refletir sobre como esses gostos são socialmente construídos e, além de refletirem acerca de toda uma temática geográfica/cultural. Porém o que mais saltou aos olhos de nós pibidianos foi o retorno que os próprios alunos nos deram ao término da última aula.

Os alunos explicitaram suas impressões e deixam claro que a sala deles ficou mais unida depois do projeto, já que passaram a compartilhar ideias acerca do bairro e sobre eles mesmos. A devolutiva foi ainda melhor quando disseram que “professores” como nós, chamam a atenção dos alunos e os fazem refletir sobre suas próprias vidas. Esse *feedback* foi importante para sabermos que mesmo sendo um pré-teste, alcançamos objetivos que não estavam em nossos planos.

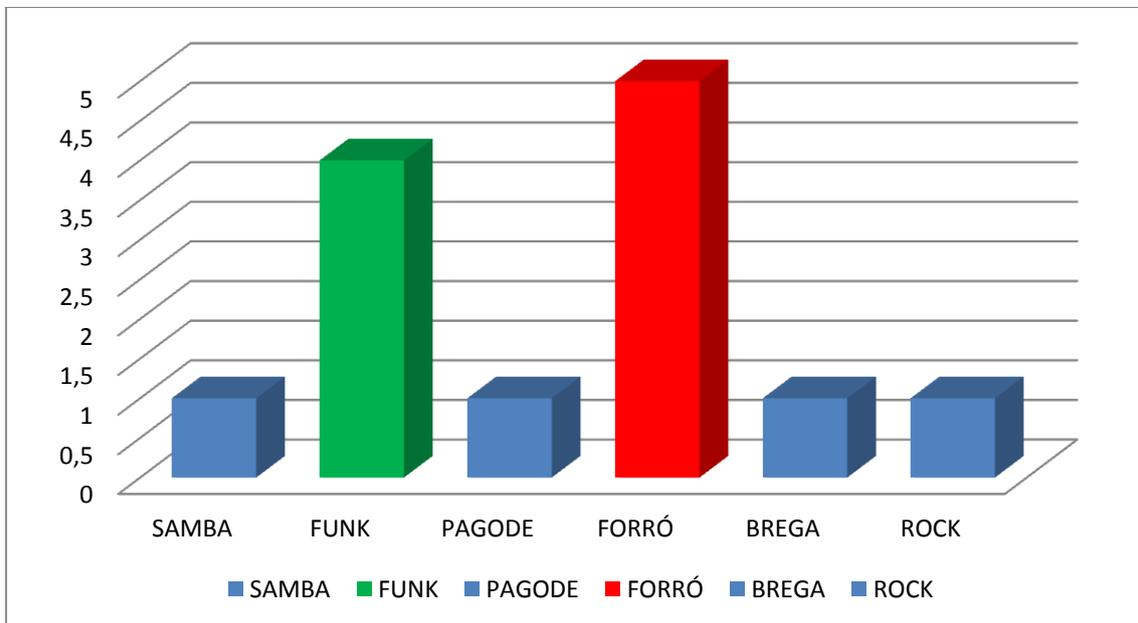
A realização deste trabalho não quis caracterizar a periferia com a eterna vítima carente de ambientes culturais, a intenção deste projeto foi enfatizar as significações que a própria periferia constrói de si mesma, de maneira que os sons que foram tocados, muito dizem sobre a identidade destes jovens, uma vez que gosto e identidade são coisas que caminham juntas.

6. ANEXOS

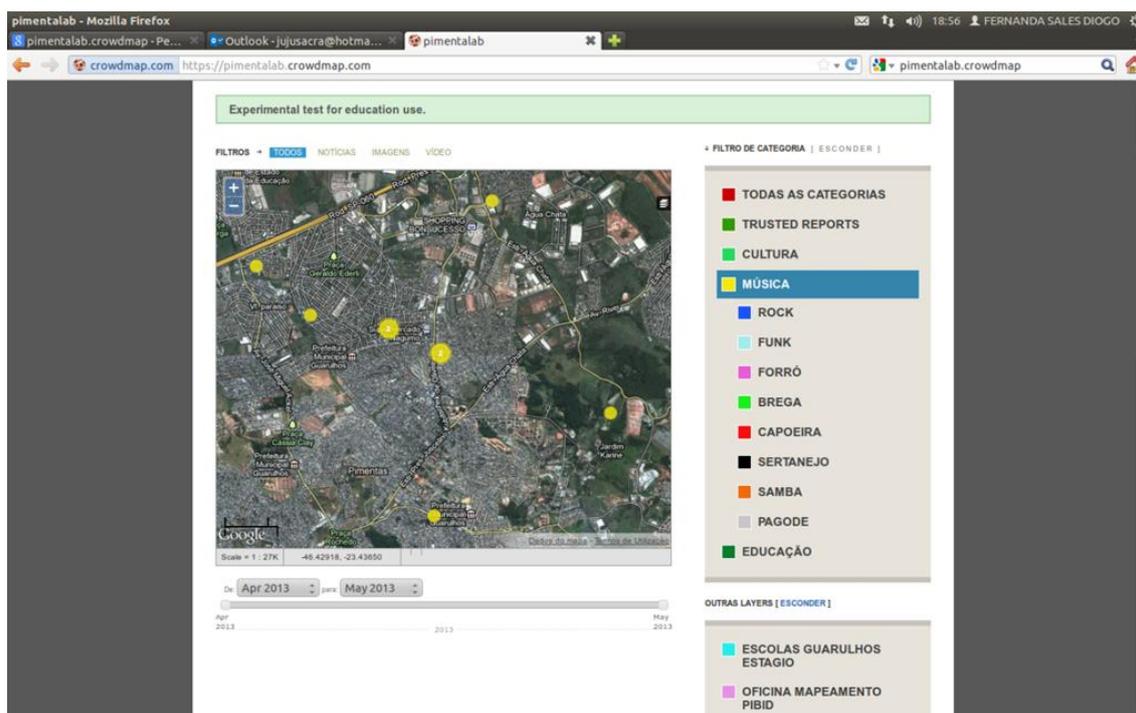
Gosto musical dos alunos



Ambientes musicais do bairro dos Pimentas



Mapeamento musical do bairro



Roteiro – Podcast “Os sons dos Pimentas”

Bom dia, boa tarde, boa noite. No ar: “Os sons dos Pimentas” com os alunos do 2ºE do E.E. Maria Aparecida Rodrigues.

Um bar de rock, um baile funk, um pesqueiro que faz festas com forró...esse é o mapa musical do bairro dos pimentas. E é sobre essa paisagem sonora que o programa vai navegar.

A turma do 2º E tem um gosto bem diversificado, há quem goste de funk, de rock, de reagge, de sertanejo, enfim, a maioria dos estilos musicais foi citada quando fizemos o nosso primeiro mapeamento.

A paisagem sonora dos Pimentas é composta por esses locais

- O parque das Nações onde há uma escola de samba;
- O Malagueta que é uma balada de funk, pagode e forró;
- O Tropical que rola funk e forró
- Forró da Baixinha
- Bar dos Amigos – Forró e funk
- Roda de capoeira – na praça João pinheiro de Almeida
- E a toca dos gatos – forró e brega

Como vocês podem ver, o forró e o funk são os ritmos mais ouvidos pelo bairro. (fala nossa)

Mas os locais não dizem tudo sobre o gosto musical do 2ºE, pelo contrário.

Um dos estilos mais declarados em nossas aulas foi o rock and roll (tocar um rock).

O problema para os rockeiros de plantão é que encontramos apenas um bar na região onde o povo do motoclub se reúne.

Há também um pessoal que reclama da falta de espaços que toquem reggae, por exemplo, se houver algum role desse no bairro, o nosso mapeamento não captou.

Concluimos com este trabalho que apesar de quase todos os estilos de música fazerem o gosto da galera da sala, aqui no bairro, são poucos os estilos que são contemplados nos ambientes musicais daqui.

Não queremos caracterizar a periferia com a eterna vítima carente de ambientes culturais, a intenção deste programa é enfatizar as significações que a periferia constrói de si mesma. E esses sons que foram tocados, muito dizem sobre a identidade desta galera, uma vez que gosto e identidade são coisas que caminham juntas.

Este foi “O som do Pimentas” que não se preocupa com as hierarquias entre os estilos musicais, mas sim, em compreender a dinâmica e a espacialização da música do bairro.

Vale lembrar que este programa chega até você através do apoio da CAPES, da UNIFESP e da E.E. MARIA APARECIDA RODRIGUES, parceria que mostra na prática o tripé (pesquisa, ensino e extensão) – prática essa tão sonhada pelos educadores.

7. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção*. Porto Alegre, Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia de Letras, 1996. [1992].

COELHO, Teixeira. *O Que é Indústria Cultural*. Coleção Primeiros Passos, vol 08, São Paulo, Editora Brasiliense, 16ª ed., 1996.